

«LUUANDA», de LUANDINO VIEIRA e «NÓS MATÁMOS O CÃO TINHOSO» de LUÍS BERNARDO HONWANA

Parece que a literatura de ficção portuguesa, de expressão ultramarina, começa agora a ter os seus escritores locais com interesse mais do que local, mais além do folclore e da etnografia. De Angola fala Luandino Vieira, de Moçambique surge Luís Bernardo Honwana, e sendo diferentes os meios ambientes em que cada um deles situa as suas histórias (resistimos a empregar o termo «estória» de Luandino) sendo também diferentes os estilos literários que utilizam, há em ambos muitos pontos de contacto para que nos apartemos da ideia de que uma mesma realidade humana os une. Realidade evidentemente cheia de problemas: de situação no espaço geográfico e no tempo, que é o presente; de factores racionais e culturais, e abrangendo tudo, os de ordem económico-social. Não podemos aqui, por motivos óbvios, destrinçar todos esses dados da realidade de que acima falamos; interessaria compará-los e, embora não sendo um amplo conhecedor dos movimentos culturais dos povos do Ultramar português, há pelo menos alguns factores que se nos tornam bem evidentes perante a leitura das duas obras de que nos ocupamos hoje. Um deles, de ordem cultural, ilustra-o Luandino Vieira. Grafe embora o autor como «estórias» o que nós chamamos «histórias», integre-se ele próprio, autor, na linguagem dos «musseques»,

que nem por isso saem da nomenclatura estabelecida para as histórias curtas, as três narrativas do seu livro. Há uma tradição oral do contador de histórias que é a maneira de contar de Luandino Vieira (de resto existente em todos os povos e respectivas literaturas). Aparte peculiaridades linguísticas ou dialectais, contar histórias parece ter sido sempre uma constante de todos os povos, desde os mais primitivos aos mais civilizados, — ou ditos como tal. Oralmente primeiro, por escrito depois. É escrevendo que nos contam as suas histórias Luandino Vieira e Luís Bernardo Honwana. Há nelas ressaibos, reminiscências dos contos orais e porque ambos escrevem tratando principalmente de homens negros, de tais reminiscências temos notícia. Homens de cor sendo, pois, as principais personagens de ambos os livros, interferem neles, assim, factores peculiares ao meio local e ao conjunto que forma a sociedade em que vivem, incluindo os racionais. Se falo em factores racionais não é, evidentemente, por os considerar como fazendo parte de um verdadeiro problema. Não haverá nenhum autêntico cientista que nos possa vir falar, hoje, de superioridade ou inferioridade raciais sobre os pontos de vista biológico ou mesmo antropológico. Sabemos todos que não existem raças puras e que as que no presente poderíamos encontrar, as topariamos em sociedades isoladas, em pequenos grupos habitando zonas áridas ou selvagens, portanto socialmente pouco evoluídas, portanto deficientes sob o ponto de vista da sua plena expressão humana.

A conclusão a que se pode chegar é a de que o que diferencia os indivíduos não é a cor da sua pele ou dos seus cabelos; ou a forma do seu crâneo e do seu nariz. O que os diferencia bem mais é a sua situação dentro do complexo social, económico e tecnológico a que pertencem. Daí o considerarmos que os chamados problemas raciais dos

Por
ARMANDO VENTURA FERREIRA

nossos dias têm muito mais a ver com a evolução dos problemas do complexo social a que aludimos do que com artificiais diferenciações racionais.

Lê-se Luandino Vieira e mais do que o neto de Vavó Xixi, Zeca Santos preto, sente-se o homem — de qualquer parte e de qualquer país que tem fome, mas que, humanamente, como qualquer jovem que se preza, gosta de agradecer às raparigas com a sua gravata nova. Percorre-se «A Estória do Ladrão e do Papagaio», do mesmo Luandino Vieira e o que é que nos aparece? O ódio dum homem por um papagaio que é o símbolo da sua frustração sexual; o complexo de outro homem por ter morto ocasionalmente um amigo num acidente ferroviário. E n'«A Estória da galinha e do ovo», tão saborosa e cheia de humor que é que sabemos?: que não adianta chamar este ou aquele para decidir um pleito fútil, pois quase sempre procederá como no «caso» do macaco que se armou em juiz na divisão do queijo e que, devido às eternas diferenças de peso entre um e outro prato da balança, comeu o queijo todo aos dois pleiteantes. O que adianta é o acordo entre os próprios interessados, quando não os dividem situações sociais intransponíveis. É o que decidem inconsciente, mas sábia-mente, os dois miúdos da história que, usando de artimanhas, reatam o diálogo interrompido entre as duas mulheres desavindas.

Luandino Vieira é um escritor muito lúcido, que sabe já perfeitamente manejar a trama das suas histórias e pena temos de não incluir este livro mais do que três narrativas. Mas ficamos com a impressão de que se trata de um escritor em procura do seu género definitivo, o qual nos parece ser o trânsito

da novela longa para o romance, pois sente-se nele que necessita de espaço suficiente para dispor as suas personagens nos caminhos da vasta e diversa vida que conhece e está dentro de si.

Já atrás insinuei que embora Luís Bernardo Honwana seja um escritor africano, de Moçambique, ele se mostra diferente de Luandino Vieira, quer nos temas tratados quer na forma de os dar. Com efeito, a linguagem de Honwana não se atarda, como a de Luandino, na transcrição literária de particularidades da linguagem oral. Embora em verdade devamos dizer que tal não lhe foi necessário para nos fazer interessar por uma colecção de histórias da mais funda humanidade. Não sabemos qual será o futuro deste escritor, nem isso interessará por agora, se bem que não tenhamos receio de lhe vaticinar o melhor.

É que Honwana possui, para já, uma qualidade altamente estimável: a expressão directa, quase desabrida, do narrador que dá a «precisão» conveniente, física, às coisas e pessoas — e nisso ele se aproxima, talvez tendo-o lido, dos escritores da Norte América, de um Steinbeck, de um Hemingway da melhor época —, e ao mesmo tempo

a sugestão poética, nimbando coisas, animais e pessoas de uma aura que é a que lhes está para além da sua realidade imediata. Honwana descobre quase sempre o pormenor significativo, ao mesmo tempo da realidade física e social e do que lhe é subjacente, portanto já menos visível aos olhos de qualquer observador desatento. E tudo isso escrevendo num correcto português, sem particulares modismos, intraduzíveis, mas possuindo já uma linguagem própria de escritor.

Encontrar os equivalentes em linguagem cultivada para os modismos localistas que às vezes só os naturais da região entendem, parece-me tarefa mais importante a empreender pelo escritor e é exactamente isso que Honwana faz. Daí nas suas histórias se encontrar um quadro, que nos parece bem real, da situação do homem negro adentro de uma sociedade em que o branco predomina, não pela quantidade mas pela situação social. Aliás quadro esse muito subtilmente dado. É curioso salientar que os problemas da convivência entre brancos e negros no Ultramar não aparecem neste livro por qualquer dos pro-

(Continua na página 3)

EM NOVA EDIÇÃO, O ROMANCE DE
JOÃO GASPAR SIMÕES

Amores Infelizes

Uma história de província

Uma obra que, pelo seu sentido humano, minuciosa análise dos sentimentos e fluência de estilo se tem imposto como um marco decisivo da moderna literatura portuguesa.

Um livro da colecção «AUTORES PORTUGUESES»

Volume brochado de 291 páginas: 35\$00

L I V R A R I A B E R T R A N D

SEMENARIO «JORNAL DE LETRAS E ARTES»	
PREÇOS:	
CONTINENTE E ILHAS:	
Assinatura anual	100\$00
Assinatura semestral	55\$00
Assinatura trimestral	30\$00
Exemplar avulso	2\$50
ULTRAMAR, ESPANHA E BRASIL:	
Assinatura anual	140\$00
Exemplar avulso	3\$50
OUTROS PAISES:	
Assinatura anual	200\$00

CRÍTICA LITERÁRIA

Semana a semana

(Continuação da pág. 2)

cessos habituais na literatura: análise psicológica ou longas páginas de laboriosa descrição da realidade social não existem. O que se passa é o que atrás disse: linguagem directa mas carregada dos pormenores essenciais de caracterização humana. E quem se atardar na análise deste livro verá que, a par do que é próprio da ficção narrativa, lá está a problemática humana das gentes do Ultramar português, que o mesmo é dizer — no caso de Honwana — das suas lógicas implicações sociais. E símbolos também lá encontramos. O Cão Tinhoso é um deles. O

animal que se torna necessário abater, está a mais entre os outros cães, que é como quem diz em termos de linguagem pitoresca: é a ovelha ranhosa da família. Impressionante é essa cena de morte do cão tinhoso que os rapazes liquidam, fusilando-o, a mandado dos zeladores da higiene ambiente.

Nem todas as histórias de Honwana têm o mesmo nível literário. São às vezes apressadas e descuidadas. Mas não há dúvida que se trata de um escritor com muitas possibilidades à sua frente. E, além das qualidades propriamente literárias, é largo o seu espírito e embora não dúplice, há nele um compreensão que é

todo um programa de novas relações humanas. E perdoarão os leitores a longa transcrição, mas queríamos deixá-los este trecho de «As Mãos dos Pretos», pelo qual se pode ter uma ideia muito razoável dos processos literários de que atrás falámos em Luís Bernardo Honwana e dos símbolos que ele encontra para nos transmitir a complexidade humana:

«Deus fez pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levam-nos para as casas deles para os pôr a servir como es-

cravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exactamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos outros homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.

Quando fugi para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.»

«TEATRO,» DE JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

O escritor Joaquim Paço d'Arcos, cuja peça «O Braço da Justiça» representou no ano passado, quando subiu à cena no Teatro Nacional, uma das mais vigorosas afirmações do Teatro português contemporâneo, encetou a publicação do seu Teatro Completo. Acaba de vir a público o 1.º volume, que o autor intitulou «Teatro — Primeiro Ciclo», e que engloba as peças «Boneco de Trapos», «O Cúmplice», «O

Ausente» e «Paulina vestida de Azul».

As três últimas foram representadas no Teatro Nacional e as suas edições estavam esgotadas. A primeira, e primeira também cronologicamente na produção do escritor, encontrava-se inédita.

Enquanto o nosso crítico se não ocupa da obra, transcrevemos o curto mais expressivo prefácio com que o autor abre o volume, depoi-

mento, laivado de ironia, sobre a situação em que se arrasta o Teatro português:

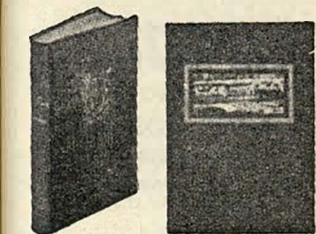
Reunem-se neste volume quatro peças de teatro, escritas entre 1937 e 1947. Inédita até hoje a primeira, representada a segunda em 1940, a terceira em 44, a última em 48, constituem elas o primeiro ciclo duma actividade teatral que durante uma década inteira sofreria em seguida desalentado eclipse. Não se afastam estas comédias dramáticas, na técnica da construção e na sua textura, do teatro consagrado até ao fim da última guerra. Por isso as separamos das peças que depois de 1958, passado o longo período de afastamento do teatro, viríamos a escrever e que englobamos num segundo ciclo, a publicar em próximo volume.

O longo afastamento que medeou entre a representação de «Paulina vestida de azul», em Abril de 48, e a feitura de «A Ilha de Elba desapareceu», dez anos decorridos, não terei agora de o justificar. Prefiro recorrer à transcrição duma passagem da primeira história dum livro meu, «O Navio dos Mortos e outras novelas», publicado em 1952. Perguntado em Inglaterra sobre a situação do Teatro em Portugal, assim se expressou o narrador da história, o qual, confundido com o ficcionista, não deixou, por isso, de proclamar uma triste verdade:

«Alfredo quis saber se em Portugal as coisas marchavam melhor e eu disse-lhe que sim: que os autores sofriam três anos para conseguirem uma peça quinze dias em cena; que não faziam fortuna, mas conservavam sempre a esperança de serem sepultados em vida na Academia. Indagou ainda se era vasta a nossa produção teatral. Também a esse respeito pude responder-lhe sem ter de agravar o meu candente patriotismo: informou-me de que há uns bons quatro séculos tinha havido um ourives tão bom no seu ofício como na arte excelsa de Shakespeare; e que em tempos também voltara da Terra Santa umromeiro que, perguntado quem era, respondera: — Ninguém. E que com o ourives e oromeiro se mantinha de pé a cena portuguesa, para maior glória de nós outros, autores coevos de George Bernard Shaw».

P. S.

Recensões Críticas



SÍMBOLOS E MITOS — Fidelino de Figueiredo — Coleção Estudos e Documentos, n.º 29. — Publicações Europa-América

Ignorada ou repeliada pelo presentismo (basta recordarmos a sentença de Régio no manifesto inicial da «Presença»: «mais valem algumas linhas de Pessoa que um longo ensaio de Fidelino de Figueiredo») — cito de memória, mas o sentido é esse), menosprezada pelas gerações seguintes, a obra de Fidelino de Figueiredo parece ter adquirido nos últimos anos uma mais lata audiência entre nós, como o atestam reedições de livros há muito esgotados; e o próprio Fidelino se faz eco deste facto, quando a págs. 21 e 22 de «Símbolos e Mitos» escreve estas palavras, um tanto sibilinas:

«Uma organização de sombras desfiguradoras ou apagadoras, com seus empresários e agentes bem vigilantes, o (do Autor) acompanhou sempre para o diminuir ou suprimir. Mas ele conseguiu emergir». Uma carreira literária que se estende ao longo de sessenta anos de actividade constante, dezenas de títulos publicados (e dos que lhe conhecemos, não podemos deixar de mencionar A luta pela expressão,

onde há páginas apaixonantes e a que vimos dar o merecido relevo pelos nossos profissionais da escrita ou da crítica; e a cultura intercalar, com o belo e lúcido ensaio sobre Manuel Laranjeira); uma projecção internacional de que raros intelectuais portugueses desfrutam — são premissas que fazem do caso literário de F. F. um fenómeno de excepção. Quase uma incógnita.

Pelas páginas de Símbolos e Mitos ressoa, com uma gravidade e uma dignidade que nos comovem, um calor humano que se comunica ao leitor (e que já Alberto da Fonseca melhor do que nós soube transmitir nestas colunas), uma sensação de plenitude, a vida cumprida de «um homem pertinaz, de costela prometeica», debruçando-se com curiosidade intelectual, sempre atenta, perante os problemas do mundo de hoje.

Belo exemplo este. E fecundo, se não passar despercebido das gerações ainda isentas daquela pecha nacional: o pessimismo, que Laranjeira tão sagazmente diagnosticou, e tudo dissolve, tudo diminui, tudo avilta, quando afinal uma nação se faz todos os dias e, principalmente, do esforço dos seus melhores espíritos e suas mais rígidas vontades.



- AUTORES PORTUGUESES**
- Colecção — Divulgação e Ensaio, 16.**
Número de páginas — 208.
Preço — 35\$00.
- Título — «A Evolução Humana».**
Autor — Romeu de Melo.
Editora — Presença.
Colecção — Divulgação, 17.
Número de páginas — 263.
Preço — 35\$00.
- Título — «Bibliografia Periódica de António Francisco Barata na Imprensa Eborense».**
Autor — Gil do Monte.
Editor — Autor.
Preço — 40\$00.
- Título — «História Romanceada da Conspiração de 1817».** (Gatos e Ratos).
Autor — Júlio Baptista Nunes.
Editora — Jornal «O Castanheirense».
Número de páginas — 245.
Preço — 30\$00.
- Título — «A Higiene da Mulher».**
Autor — Ramiro da Fonseca.
Género — Manual Prático de Divulgação.
Editora — Livros do Brasil.
Número de páginas — 182.
Preço — 35\$00.
- AUTORES ESTRANGEIROS**
- Título — «Viver e deixar Morrer».**
Autor — Ian Fleming.
Tradutor — Mário Braga.
Editora — Portugalíia.
Número de páginas — 242.
Preço — 20\$00.
- Título — «O Pensamento Económico do Século XX».**
Autor — Cláudio Napoleoni.
Tradutor — Maria Natália Ricardo.
Editora — Presença.
- Colecção — Divulgação e Ensaio, 16.**
Número de páginas — 208.
Preço — 35\$00.
- Título — «As Três Irmãs».**
Autor — Anton Tchekhov.
Tradutor — Augusto Pastor Fernandes.
Editora — Presença.
Colecção — Presença, 30.
Número de páginas — 196.
Preço — 25\$00.
- Título — «O Coração de Marfim».**
Autor — Max du Veuzit.
Tradutor — Aurora Rodrigues.
Editora — Romano Torres.
Colecção — Azul.
Número de páginas — 234.
Preço — 15\$00.
- Título — «Freud».**
Autor — Gérard Lauzun.
Tradutor — Virginia Mendes.
Editora — Presença.
Colecção — Biografia de Bolso, 12.
Preço — 25\$00.
- Título — «A Fecundação».**
Autor — Jules Carles.
Tradutor — Ramiro da Fonseca.
Género — Biologia.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Enciclopédia LBL.
Número de páginas — 138.
Preço — 20\$00.
- Título — «O Caso do Brinquedo Mortífero».**
Autor — Erle Stanley Gardner.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Género — Romance policial.
Editora — Livros do Brasil.
Colecção — Vampiro.
Número de páginas — 216.
Preço — 12\$50.